

Ilustração



A N O
- 5.º -

Lisboa, 1 de Junho de 1930

PREÇO - 4\$00

Número
- 107 -

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

R. da Alegria, 30 — Lisboa

REDACÇÃO

R. Cealho de Sousa, 77-1.º

(Ant. R. da Procição)

Telef. T. 871

EDITOR: Augusto Brito

ANO 5.º — NÚMERO 107

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO:

JOSÉ CARLOS DA SILVA

DIRECTOR:

JOJO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

TODOS OS ASSUNTOS DE PUBLICIDADE TRATAM-SE EXCLUSIVAMENTE NA RUA ANCHIETA, 25 — TELEF. C. 1084

PROPRIEDADE DE:

EMPRESA NACIONAL

DE PUBLICIDADE

E

AILLAUD LTD.

ADMINISTRAÇÃO

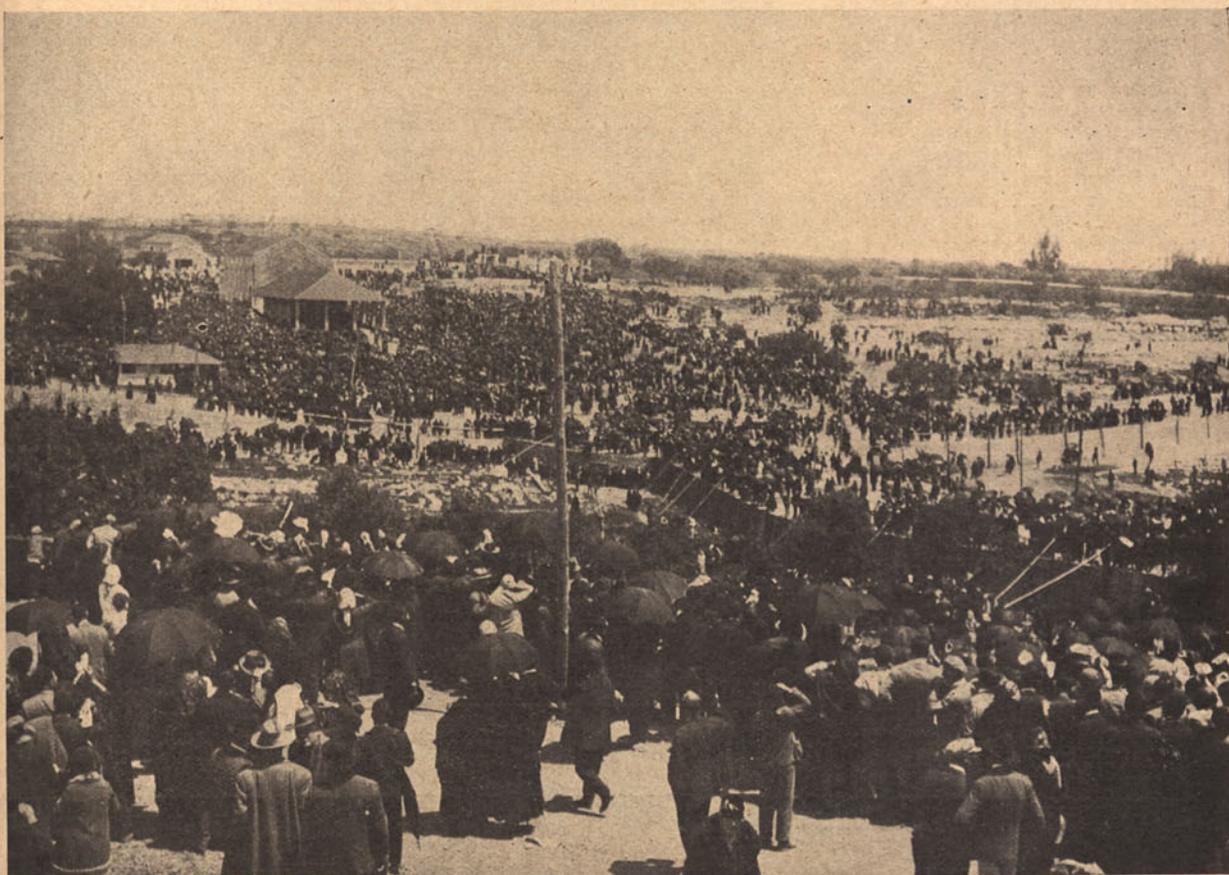
R. Diário de Notícias, 78

Telef.: T. 821 a 824

1 DE JUNHO DE 1930

A ROMARIA A NOSSA SENHO- RA DE FÁTIMA

Apesar da evolução intensa operada, no campo moral, de há uns lustros a esta parte, as profundas crenças, a religiosidade, quando tem raízes velhas na própria alma magnífica do povo, a única verdade verdadeira em matéria de espiritualidade, resistem a todas as razões mais ou menos artificiosas. E por isso todos os anos, neste Maio florido, acorre gentinha humilde cu grada, dos cantos mais ermos do país, a pedir à bondade divina da Senhora de Fátima remédio para todos os seus males (e tanto sofrem os pobrinhos!), remédios que, em forma de panaceias políticas ou sociais todos os terrenos lhe apregoam. Vêde como essas pobres mulheres oram com fervor e como milhares de peregrinos acodem à Cova da Iria em arroubos de piedade, únicos gosos desta terra que não pagam ainda siza ou contribuição.



a estatua ôca

EPISÓDIO INÉDITO DA ESTADA EM PORTUGAL DO ILUSIONISTA BOJERSON (1)

pelo REPORTER X

CAPÍTULO I

...ONDE O SR. MARQUÊS DE MANTELO PEDE AO ILUSIONISTA BOJERSON O ATAQUE DO THIBET

Terminado o número e despejados os bolsos labirínticos da sua casaca—verdadeiro armazém de segredos—Bojerson despedira os seus ajudantes e em camisola, sentara-se, bufando fadigas, frente à mesa da caracterização. Revia, orgulhoso, no pequeno espelho, a bigodeira ruiva de longas guias e o vermelhão sádio das bochechas, virgens de tinta, e que o suor de uma hora de trabalho violento, envernizava, dando-lhe brilhos de barro novo.

Bojerson não era um egoísta—pelo contrário. Interessava-lhe a sua própria pessoa só quando sabia e podia agasalhar de venturas as existências alheias. Se as fontes tivessem alma—gemea alegria à da alma de Bojerson seria a da fonte quando visse aproximar-se da sua gárgula uma boca queimada pela sede.

Mas, sem ser egoísta—Bojerson gostava de si... Agradavam ao seu gosto plebeu aquele carão estalante de sangue, aquele bigode quasi escarlate, aqueles olhos pestanudos, aquela trunfia frizada, de barbeiro, aquele arcabouço peludo e forte, de carregador...

Sentia-se simpático e bom—no que era justo; e sentia-se belo e elegante—o que constituía um inofensivo equívoco. E quedava-se assim tôdas as noites, narcizando-se ao espelho, estático e vaidoso, empapando lenços no suor que lhe serpenteava as faces e manchava a camisola, sorrindo-se a si próprio, auto-comentando-se em meia voz—até que o contra-regra viesse avisá-lo que eram horas de partir. E tão acostumado estava já aos resultados da sua demora e ao chamamento do contra-regra que, ao ouvir seus dedos tamborilando na porta do camarim—repetiu, como tôdas as noites, a frase sacramental retinindo os r r da sua pronúncia de poliglota de music-hall:

—*Esperrare um poucachino... Estou a vestirreme.*

E logo a vosita aflautada, eterna e profissionalmente aflitiva do contra-regra:

—Não é isso, sr. Bojerson... Não vim chamá-lo... Ainda tem tempo... Era por... por outra coisa...

—*Enton faza o favorre de dizerre...*

Uma hesitação do outro lado da porta—e por fim, num tom empuçado:

—É uma visita para o sr. Bojerson...

—Uma visita?

Erguen-se—e foi abrir uma nesga da porta. Ao lado do contra-regra—um quasi liliputiano à força de raquitismo, de faces chupadas e óculos de latão acavalados num

(1) Bojerson, artista dinamarquês, ilusionista de génio, autêntico mago dos chapéus altos, herdeiro ministerial de Noz fazendo arcaes zoológicas com baús suspensos ou com caixas de fósforos—foi um ídolo popular, no nosso país, de 1870 a 1890—sobretudo no Pôrto, onde trabalhou temporadas seguidas, no Palácio de Cristal. Era, na sua especialidade, para os portugueses daquela época—o que o belga Walter conseguiu ser, como clown, para a gente da minha geração. A sua passagem pelas ruas era sublinhada pelo babaquear do povo. E êle, bonacheirão e impando orgulho, dilatava o torax, retorcia o bigode ruivo de escandinavo—e sorria feliz. O público nunca atinou com pronúncia exacta do seu nome—e chamava-lhe *Bojerso*—adaptação escapatória ao nosso idioma do apelido Bojerson.

Mas a verdadeira notabilidade de Bojerson não estava apenas nas suas proezas de palco. O seu maior talento era o da alta prestidigitación—fora de scena—«pour le bon motif»... Bojerson desarmou muita intriga, cortou muita lágrima, castigou muito fiel patife, escamoteando, iludindo, abrindo e fechando alçapões... na vida real.

Os episódios mais cividos de interesse e mais saborosos que marginaram o seu caminho por Portugal—estão-me sendo revividos, aos poucos. E a uma confidente e companheira das ceatas do artista—escadivavo que sobreviveu até a mim—o simpático e admirável «causeur» Xico C., do Pôrto—que eu devo êste filão novelesco. Já publiquei algures um dos capítulos mais engenhosos—e generosos—da vida de Bojerson: o do seu fusilamento, com balas de «verdade», no Palácio de Cristal da Invicta cidade, onde, por uma unha negra a alma, cristalina e enorme, do bom dinamarquês não se evadiu pelas aberturas das feridas que recebeu estoica e voluntariamente—ao preço de uma obra caridosa e humana. Valeu-lhe, o seu sorridente heroísmo, a amizade de um príncipe português e uma condecoração de ouro—que se confundia, no seu peito, com as inúmeras medalhas falsas com que se exhibia nos cartazes e nos palcos.

A novela—chamemos-lhe *Novela*...—que hoje se projecta nestas páginas é um certificado legal da engenhosa imaginativa de Bojerson, autenticando a sua fama de homem de coração, nobre, generoso e valente...

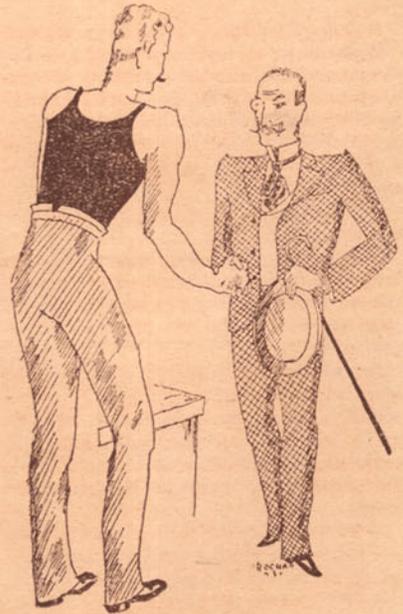
nariz pencudo e estreito—estava um sujeito de porte distinto, fato inglês, enxadrezado, polainas brancas, patilhas peludas, uma flor impando na lapela e a púpila escura enviaçada pelo monóculo rectangular—captivo pelo largo fitilho castanho.

Era uma fraqueza esta de se relacionar com a gente de boa sociedade—ou pelo menos com gente que se vestisse em bons alfaiates. Tôdas as suas ambições, todos os seus esforços, de homem e de artista, objectivavam o mesmo alvo; eram veículos que êle utilizava para lá chegar. E se não fôsse virtude de nascença a sua virtude, a sua generosidade, o seu amor pelo bem, o seu ódio pelo mal, dir-se-hia que até isso era arma usada na mira de comprar por êsse preço as amizades conquistadas pelas suas exhibições de engenho, sacrificio e bondade.

Já nessa altura o Infante..., se aproveitara das suas generosas habilidades de prestidigitador extra-palco—e a amizade pública que lhe dispensava Sua Alteza agravara-lhe mais ainda a vaidade de artista de *music-hall* e de plebeu...

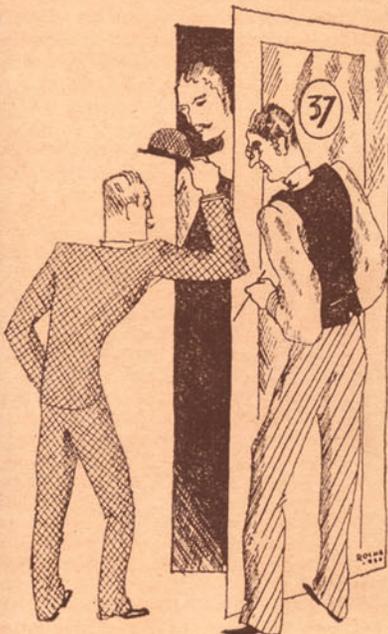
E aquele visitante era, sem dúvida, dos que agradavam à sua vaidade... Mas assim, aquela imprevisita aparição, vindo surpreendê-lo meio nú, com os pêlos ruivos a saírem-lhe, em tufo, pelo decote da camisola; as calças, sem suspensórios, a enroscaem-se em espiral sobre as chinelas—envergonhava-o, vexava-o...

—*Mile perredões... Mile perredões...*—murmurava êle, circunvagando a vista à procura dum sobretudo para se cobrir...



—Esteja à sua vontade...—pediu o cavalheiro do monóculo, avançando, familiarmente, pelo camarim.—Estou habituado à intimidade dos artistas...

Bojerson recuara para dar passagem ao visitante, lançando olhares de censura ao contra-regra que não tivera a prudência de o prevenir a tempo dêle preparar um vestuário digno de acolher aquele *gentleman*. E o contra-regra, depois de ter lançado, por detraz do visitante, duas ou três piscadelas de plá-



pebra, como que a convencer o ilusionista que o recém-chegado não era de cerimónias, deu um passo, colocou-se entre os dois, tirou o boné que lhe resguardava a calva e fêz, com toda a solenidade, a apresentação:

— O sr. Marquês de Mantelo... o sr. Bójer...

Não pôde pronunciar a última sílaba do nome do ilusionista — porque o Marquês lhe enrolou a bôca com um gesto que não admitia réplica:

— Escusa de dizer-me quem é o grande artista com quem tenho o prazer de estar falando... E não é para o lisongear — que eu quando não sinto as coisas, calo-me... Creio que até hoje não perdi um único espectáculo em que o sr. Bojerson trabalhe. Divirto-me e emocionno-me mais assistindo aos seus números do que ouvindo o melhor soprano de S. Carlos ou qualquer drama do D. Maria. Só lamento que o sr. Bojerson passe sempre tão rapidamente por Lisboa — preferindo o público portuense ao nosso...

Bojerson, retorcendo a bigodeira, esquecera-se por completo da impropriedade da sua *toilette* — já entontecido com aquela adulação. E o sr. Marquês de Mantelo, prosseguiu:

— Ainda outro dia, falando com o tenente-coronel Silvino da Câmara — que como sabe é da intimidade do seu amigo e admirador — o Infante D. A... (Bojerson respira fundo e o vermelhão parece incendiar-lhe as bochechas)... confessou a mim e a outras pessoas presentes no jantar da Legação de Itália que era uma pena que o sr. Bojerson não repetisse, para nós, aquele sensacional número a que os tripeiros tiveram a sorte de assistir...

— ?

— O do «Fuzilamento com balas a valer»!!

Reconstituiu-se, rápido, no espírito do ilusionista, aquele acto de sacrificada abnegação pelo Infante que êle, anos antes, realizara no Pôrto e do qual saíra gravemente ferido. E evocando-o, a sua respiração normalizou-se e as faces perderam um pouco do seu colorido vivo e berrante...

— É muito *difícil*... muito *perrigoso*... — desculpou-se Bojerson.

— De acôrdo; e nós, seus admiradores, não levamos o nosso egoísmo até ao exagêro criminoso de lhe exigir que arrisque a sua vida para nos regalar com uns minutos de emoção.

Passou-se um curto silêncio... Era evidente que o visitante não atingira ainda a oportunidade para revelar a verdadeira intenção que o levava até ao camarim do artista. E como essa oportunidade não se ofereceu — êle dispensou-a, entrando claramente no assunto.

— Vinha aqui pedir-lhe um grande favor — e espero que, embora nos conheçamos apenas de agora, não se negará a atender-me...

— Oh! *Sinhorre Marrequês*...

O *sinhorre marrequês* agradeceu em silêncio com um expressivo fechar e abrir de olhos — e explicou-se:

— Dentro de poucos dias reúno uns amigos no meu palacete das Amoreiras... Uma data de família que festejo — os anos de uma velha parente que veio acolher-se a minha casa... Coitada!!! Não sei quanto tempo poderá durar ainda... Quero que os últimos raios de sol daquela alma em crepúsculo gosem a ilusão da alegria... Um jantar... Um pouco de música... Um pouco de dança... Mas é pouco para a pobre senhora. A dieta — quem

sabe? — pode tornar em suplicio para ela o bom apetite dos outros... O baile, embora a anime — não basta porque lhe provocará saudades da sua juventude... Além disso os meus amigos quando recebem um convite do Marquês de Mantelo veem a minha casa com a antecipada certeza de que lhes preparei uma surpresa como não é vulgar encontrar-se na monotonia dos nossos salões... (O Marquês pronunciou a última frase movendo-se como que pedindo desculpa de não poder ser modesto ante a evidência da sua superioridade. E continuou:) Confesso que não fatiguei muito a inventiva, desta vez para a descobrir... Estando o sr. Bojerson em Lisboa — que maior e melhor divertimento poderia eu oferecer aos meus hóspedes do que alguns números do rei dos ilusionistas, o génio da prestigitação?

O Marquês de Mantelo era, evidentemente, um psicólogo... Acertava, com firme pontaria, no alvo das fraquezas do artista...

— *Sinhorre Marrequês*... Eu *querria ser-lhe agradável*... Mas o meu *contreracto* não permite *trabalharre fórra do teatro*...

— Bei sei, sr. Bojerson... O seu *contracto* termina de segunda-feira a oito dias...

— *Exactissimamente*... Mas depois *regue-resso* ao *Palácio Cristale do Pôrto*...

— Também sei... A sua reparação é na quinta-feira... Tem, portanto dois dias livres... Ora a minha festa é na terça... Aceita?

— Com *multississimo gusto*, *sinhorre Marrequês*...

— Escusado será dizer-lhe, sr. Bojerson, que o seu trabalho lhe será recompensado pelo seu justo valôr...

— Oh! *Sinhorre Marrequês*...

O *sinhorre Marrequês* sorriu-se erguendo só um canto da bôca; enfiou a sua mão estreita e afeminada pela mãozorra do ilusionista. O contra-regra queria acompanhá-lo... Que não! Que ficasse... Êle sabia às cegas todos os escaninhos do palco... E partiu.

A porta fechou-se e o contra-regra, às paladinhas no ventre do Bojerson, fazia bôca a um charuto, perguntando-lhe, com velharia quem era amigo? Quem era?

Em vez de um «Havano» — recebeu três que Bojerson desencantou. E depois, ensam-

boando-se à pressa no minúsculo lavatório, o artista quis saber quem era aquêle nobre *gentleman*. O contra-regra deu uma dentada na ponta do charuto, cuspiu para o chão o tabaco que lhe ficara na bôca e gaguejou umas palavras mui vagas... Bojerson ouviu-o falar em «esbanjador» de fortunas; em «cabeça maluca»; em «famas de mil diabos»...

— Mas é casado o *sinhorre Marrequês*?

— Casado? Isso sim... Não é dêsses... Vive em casa com uma velhota — a tal que faz anos — que não se sabe ao certo quem é... Há quem afirme que foi amante do pai — que o pai era da fôrça do filho... Está com êle também uma pequena — sobrinha ou coisa parecida da velha... Em suma... As más línguas trabalham — mas a gente não pode fiar-se... Não quer mais nada de mim, sr. Bojerson? Então muito boas noites — até amanhã...

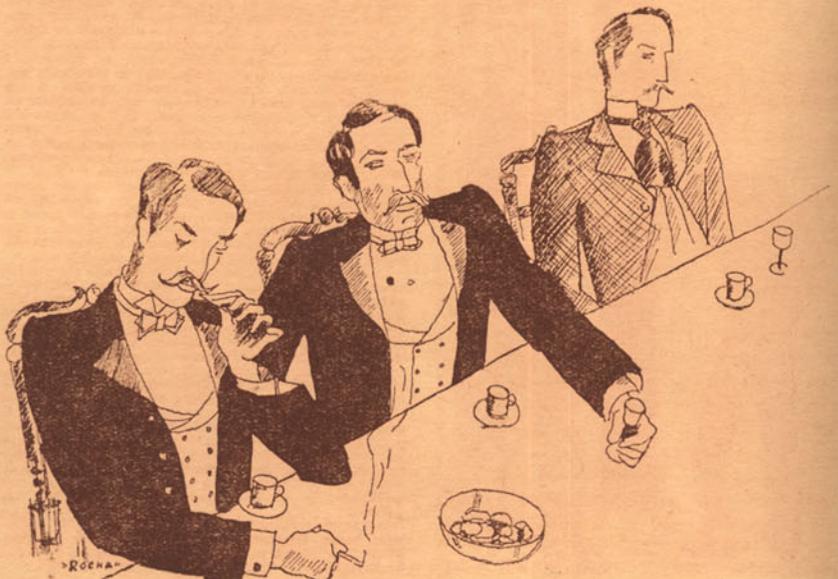
Uma vez sózinho o ilusionista vestiu-se rapidamente — cantarolando, uma antiga balada do seu país — em que se falava de tempestades e de corsários tenebrosos. E ao abrir a porta do camarim, viu, dilatar-se nas trevas do palco a braza do cigarro dum possível fumador. Julgou que fôsse o fiel do teatro — e saído-o com umas «Boas noites, *sinhorre Joaquina!*»... A braza zig-zagueando nas trevas, aproximou-se dêle — até que o fumador se iluminou no leque da luz aberto à porta do camarim... Não era o *sinhorre Joaquina* — mas sim o *sinhorre Marrequês* de Mantelo.

— Desculpe-me, sr. Bojerson. Já estava na rua quando notei que não lhe recomendava um pequeno detalhe referente ao seu programma... De todo o seu reportório — e nele só possui números de verdadeira novidade e de autêntica sensação — existe um que me impressiona profundamente e que não me canso de vêr... Sabe qual é?

Bojerson evocou vários — mas não acertou com a predilecção do seu admirador. E êste não quis que êle desse mais voltas à cabeça:

— É o do «Esquife do Thibet»...

O dinamarquês depois de acenar com a cabeça numa muda aprovação pelo apreço em que o marquês tinha por aquêle seu original trabalho — reflectiu um pouco... O «Esquife



do Thibet» era, de facto, um número original e emocionante—mas poucas vezes o incluía nos seus programas... Fôra já proibido pelas autoridades de várias terras... Era macabro até ao extremo de impressionar o artista e dêste o evitar, como se fosse mau agouro.

E era complexa a sua «mise-en-scene». Colocava-se um ataúde sobre uma mesa... Um dos ajudantes *degolava* o mestre com uma navalha de cartão; Bojerson *morria* e os moços colocavam o seu cadáver dentro do caixão. Velavam-se as luzes dos lustres e o esquife transportava-se, como se fosse de cristal, e através daquela diafanidade assistia-se a uma veloz decomposição do corpo... O rôsto tingia-se de amarelo, depois esverdeava-se e tomava, por fim, uma tonalidade arroxada... Invisíveis garras esfarrapavam a casaca até surgir o cadáver numa nudez quási completa; e o corpo se descarnava rapidamente até ficar, limpo de músculos, vaso de vísceras e horrendo. O esqueleto, por fim, ganhava mobilidade; animava-se; erguia-se; abria a tampa do esquife, pulava para o chão até que os ajudantes do ilusionista o cobriam com um pano negro, bordado com caveiras e tibias cruzadas; e instantes depois desvelavam-no e Bojerson reaparecia, substituindo o esqueleto—e de novo encasacado, medalhado, sorridente...

—É *molto difficile*, *sinhorre Marquês* êste *numero*... Bonito, *molto bonito* é, não há dúvida—mas *difficile*... Preciso de *alcapões* para o *executarre*...

—Se é só isso, não hesite, Bojerson... Venha você nas vésperas, a minha casa, leve operários, esburaque o soalho, faça o que entender...

Bojerson vacilou, argumentando que aquêl trabalho era demasiado impressionante... Num teatro estava bem, mas numa festa de sociedade, parecia-lhe que... Mas o Marquês não o deixou insistir... Queria a sorte do «Esquife do Thibet» para quarta-feira, custasse o que custasse... Bojerson cedeu... Cedeu, mas sentiu nos seus nervos, uma brusca trepidação, sineta de alarme do seu instinto, pressentimento iniludível que se avisinhava de um novo episódio da sua carreira de prestigeador da vida...

CAPÍTULO II

ONDE BOJERSON, A MADRINHA DO MARQUÊS, D. LEONOR E A FILHA, A TRISTE CELESTE...

...Bojerson não se considerava nunca nestas circunstâncias um artista contractado que lamentasse a sua presença nos salões de sociedade, às horas marcadas para exhibir as suas habilidades. Julgava-se, pelo contrário, um convidado de cerimónia que disputado por êsses salões, honrando-os com a colaboração que dignava prestar às festas—e como tal entrava, permanecia, conversava... Indicava o Marquês de Mantelo a meia noite para início do espectáculo... Mas às nove horas em ponto o bom do dinamarquês galgava a escadaria do velho palácio das Amoreiras, arrastando solenemente a mão enluvada de branco pelo corrimão forrado de azulejos de D. João V e fazia-se anunciar por um lacaio—que, no primeiro instante por guarda roupa de lacaio tomara a sua gasta casaca de scena.

O Marquês disfarçou rapidamente a estranheza que lhe provocara a hora e a forma como o artista entrava em sua casa. E afectando regosijar-se, apresentou-o aos convivas que, agrupados na sala, digeriam, de pé, o banquete recém-terminado... Pouca gente—umas vinte pessoas, se tanto, entre as quais apenas duas senhoras—e estas distanciadas, acantoadas no extremo oposto ao que era ocupado pelos hóspedes.

Mas o que impressionou imediatamente o espírito observador do dinamarquês não foi o reduzido do número, mas sim a qualidade dos amigos do Marquês... É que Bojerson, plebeu como era—tinha exigências no convívio da sociedade que ambicionava sempre invadir e por onde esvoaçara já algumas vezes, como agora, a sua enferma vaidade,



custando-lhe admitir transigências dos autênticos *gentlemen* na selecção das suas relações.

Ora os convivas do Marquês não aparentavam uma casta nivelável com o título do dono da casa. Havia duas barbas ainda da véspera ou de dois dias; havia um toureiro profissional de palito na bôca e muito mal embalhado na sua casaca; havia até—e foi isto o que mais custou a Bojerson—um indivíduo sem casaca, trajando um vulgar jaquetão...

E apresentados os hóspedes masculinos o Marquês ofereceu uma cadeira ao ilusionista.

—Sente-se, Bojerson... Sente-se...

Bojerson ia a obedecer-lhe quando notou pela segunda vez, silenciosas, distanciadas, acantoadas, tristonhas, as únicas damas que se encontravam no salão... Uma era uma velha, escanzelada, duma palidês amarelenta, uma múmia que tivessem enroupado com uma *toilette* escura recamada de lantejoilas negras... Os seus olhos esgaseados, assustados, remechidos nas órbitas numa inquietação ininterrupta, marcavam um contraste aflitivo com a imobilidade quási de parálitica, do seu corpo. A outra senhora era mui jóvem ainda—vinte anos se tanto. E formosa como uma princesa triste e enfeitçada de conto infantil. Estava de pé, junto da cadeira da anciã. E se a expressão, desta era de pa-

vor—da mocinha era de indiferença e de melancolia.

O ilusionista que esboçara apenas o gesto de se sentar, endireitou-se de novo e apontando para as duas senhoras e abrindo mais ainda o seu sorriso permanente e bonacheirão, insinuou:

—Creio que o *sinhorre Marquês* não me deu a *honrra* de *apresentarre* à sua *distinguida família*...

Enguliu em seco, o Marquês, mas era difícil, sem grosseria, não satisfazer aquêl pedido feito com tão pouca cerimónia. E para elas se dirigiu, seguido pelo imponente dinamarquês.

—O sr. Bojerson, o admirável artista cujo trabalho cremos aplaudir esta noite—a minha... a minha madrinha, D. Leonor e sua filha Celeste.

D. Leonor crispou o rôsto escaveirado numas carêtas que tanto podiam ser uma expressão de alegria, como um esgar de mêdo; olhou para o afilhado, como que a perguntar-lhe o que devia fazer... Mas o afilhado iluminara o rôsto de ternura e alegria; e ela então sorriu-se, estendeu a mão ossuda ao artista e engasgando-se duas vezes declarou, numa vósita sumida e trêmula, que «tinha muito prazer em o conhecer»... E Bojerson sentiu-se apiedado por aquela velha, sem saber porquê...

Foi diferente a atitude de Celeste, ao escutar a apresentação que lhe fazia o afilhado de sua mãe. Fixava os seus grandes olhos claros nos do dinamarquês, inexpressivamente, inconscientemente, tão blindada estava dentro do seu extase. Repetiu o Marquês, duas vezes a lenga-lenga dos nomes e adjectivos, engrossando a voz e sublinhando as frases com uma vaga impaciência—e só assim ela despertou sacudindo nervosa, a cabeça, piscando as pálpebras e forçando um sorriso. E Bojerson sentiu-se atraído por uma quente simpatia por aquela pequena, tão moça ainda e já tão triste e tão alheada da vida...

CAPÍTULO III

A VOZ DOS ESPELHOS

Um dos talentos mais notáveis e pessoais de Bojerson, era o do aproveitamento dos espelhos. Nenhum ilusionista conseguira uma tão vasta multiplicação de aproveitamento de espelhos nas suas sortes, como Bojerson. O espelho era para êle a matéria prima da sua arte. Jogava-os, combinava-os, arrancava-lhes efeitos inverosímeis... Eram os espelhos que o defendiam e que ocultavam o segredo da maioria dos seus triunfos...

O hábito profissional obrigava-o, conscientemente, a entender-se com os espelhos, mesmo fóra do trabalho. Num salão, num barbeiro, num *restaurant*, em qualquer lugar onde houvesse espelhos, Bojerson buscava, instintivamente, um sítio onde podesse jogar com os segredos que os espelhos só a êle confiavam. E assim, meia hora depois de se encontrar no palacete das Amoreiras, dominava, de qualquer salão, o que se passava nos três salões. Era uma espécie de auto-ilusionismo óptico...

(Continúa)